

A PROPÓSITO DA ARTE DO CÔA

por

António Bracinha Vieira*

A arte do Paleolítico superior, primeira arte conhecida da humanidade — que com ela atinge um dos seus pontos culminantes —, exprime a complexa visão do mundo de homens equiparáveis a nós pelo aspecto e as capacidades mentais. A nossa espécie existia já, provavelmente originária de África, desde há 100.000 a 200.000 anos. Só algum tempo após a chegada à Europa das suas populações (entre 35.000 e 30.000 anos antes do presente), que substituíram populações autóctones arcaicas, os homens de Neandertal, se deu início a uma tradição cultural que, apesar de notáveis variações no tempo e no espaço, desenvolveu padrões básicos comuns. Esta sucessão de culturas dotadas de uma matriz unificadora inconfundível, percorreu cerca de 20.000 anos de Pré-história e abrangeu o espaço imenso entre regiões da estepe siberiana e a Península Ibérica.

As imagens desenhadas, gravadas, esculpidas, tanto nas paredes de cavernas como em objectos móveis encontrados nos estratos sedimentares dos solos, reflectem os mitos dessas populações — a relação do homem com o cosmos, com os animais, as estações, os princípios antagónicos em jogo, possivelmente também com o *porquê* e o *para quê* de estar presente no mundo, e as questões universais dos grupos humanos: de onde vêm e para onde vão, em termos de destino.

A caverna, microcosmos labiríntico, mostra-nos uma correlação óbvia mas indecifrada entre as espécies de animais representadas (sobretudo grandes animais) e cada uma delas e signos geométricos e abstractos de várias formas, dispersos junto delas; e também, raras vezes, com a figura humana. Mas esta é representada sob forma híbrida ou em proporções que a distorcem e desfiguram. O “firmamento” de representações da caverna permanece um desafio à nossa compreensão, para além das interpretações sucessivas, algumas admiráveis de rigor e coerência, que dela foram dadas.

* Prof. Catedrático da Universidade Nova de Lisboa.

Nas paredes xistosas que contêm a corrente do Côa, aparecem inscritas, num estilo local belo e sóbrio, indesmentivelmente paleolítico, dessas figurações animais, uma também humana, que parecem saídas das cavernas: a sua magia poderosa cresce ainda pelo mistério da sua idade indetectada (talvez que no fundo das incisões subsistam pólenes fossilizados de que uma observação microscópica revele os géneros e espécies vegetais de pertença, e com eles a paleo-ecologia e a idade provável, igual ou posterior à das gravuras...).

Assim sobreviveram sob o sol e o céu, durante talvez vinte milénios, as gravuras que correm por quilómetros do rio. Quantas se desvaneceram? Quantas restam, que se poderão ainda encontrar? Que nexos as ligam e lhes dão sentido, na interacção da sua forma e da sua disposição no novo espaço? — É como se a caverna (ela própria resultante da acção de um rio subterrâneo) tivesse sido aberta, desdobrada e alongada pelas margens abruptas do Côa, sendo os seus conteúdos não já preservados no interior selado do seu bojo, mas confiados aos elementos, suscitando nova ordenação de signos e sentidos.

Resta-nos procurar o que falta obter; reflectir e comparar o que se nos for deparado, em função do local das gravuras e das suas correlações enigmáticas; procurar provas objectivas; propor teorias e submetê-las à refutação de factos futuros a descobrir. Para tanto, é necessário que o que acaba de surgir do desconhecido permaneça. Que os sinais subtis não sejam aniquilados pela mentalidade titânica e o olhar dos cíclopes.



Episódios de *grooming* social entre cavalos arcaicos. Ribeira de Piscos (Côa).
Foto: António B. Vieira.



Quadrúpede. Canada do Inferno (Cóa). Rocha 3. Foto: António B. Vieira.